



Mens Agitat, vol. 15 (2020)46-49 . ISSN 1809-4791

46

O estímulo ao estudo das ciências: jornais, álbuns de figurinhas, etc., no Brasil dos anos 1970

Robson Fernandes de Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cx. Postal 1664, 59078-970, Natal-RN. robdefarias@yahoo.com.br

Abstract In this article, arguments are presented in favor of the statement that, in the 1970s, comic books and sticker albums contributed a lot to the formation of a scientific culture in children and adolescents, as well as to awaken scientific vocations.

Keywords: Brazil, 1970's, newspapers, sticker album, science study, scientific vocation.

INTRODUÇÃO

Início o presente texto alertando ao leitor que venha a nos prestigiar com seu tempo, que o presente artigo não é fruto de alguma pesquisa científica, propriamente falando, de modo que não trarei aqui gráficos, tabelas, etc.

Tão pouco tentarei “casar” minhas afirmações com algum trabalho reportado na literatura, a fim de dar-lhe maior “substância acadêmica”, etc. O que temos aqui é tão somente uma opinião pessoal, baseada num conjunto de fatos guardados na memória da infância. O distinto leitor poderá, é claro, concordar ou discordar. Entendo que vale a pena a reflexão, de qualquer forma.

Nasci no final dos anos 1960 (1967), de forma que vivi minha infância, essencialmente, nos anos 1970. Dentre as muitas e boas lembranças da infância, muitas associam-se à ciência: a “descoberta” de que a parte central de um alto-falante de rádio era capaz de atrair um pedaço de ferro, a “descoberta” de que sim, radinhos de pilha não falam debaixo d’água (a “experiência” custou um radinho azul claro, que meu pai comprara há pouco tempo, mas sabemos que ciência custo caro, não é mesmo ?).

Mas deter-me-ei aqui na recordação e análise do quanto o interesse na ciência e, por conseguinte, seu estudo, eram estimulados das mais variadas formas, não apenas por conta dos seriados de televisão (eg. Jornada nas Estrelas, Perdidos no Espaço, Viagem ao Fundo do Mar, etc.), mas também via mídia impressa, como jornais, revistas em quadrinhos e álbuns de figurinhas.

O objetivo é demonstrar como, ainda relativamente distantes da era da informática, da internet, etc., o universo infantil era, no geral, muito mais cercado por estímulos e conhecimentos científicos do que hoje.

INFÂNCIA E CIÊNCIA NOS ANOS 1970

Aos domingos, meu pai comorava a edição do Jornal “O Globo” ou, outras vezes, a do “Jornal do Brasil”. Como outros jornais, O Globo costumava trazer, na edição de domingo, maior número de páginas, matérias mais sofisticadas e completas, etc., do que nas edições ordinárias durante a semana.

Junto à seção do “jogo dos sete erros”, havia uma seção dedicada a ensinar fatos científicos através de pequenos

experimentos, os quais eram detalhadamente descritos, de forma que a criança poderia realizá-los.

Foi nessa seção de O Globo que aprendi a fazer um imã, usando uma pilha AA, um pedaço de fio de cobre e um prego: bastava enrolar o fio em torno do prego e depois unir as duas pontas aos dois “polos” da pilha. Se o sistema fosse deixado assim por algumas horas, o prego ficaria permanentemente imantado. Na época (em torno de 1976) eu não tinha o conhecimento de porque isso acontecia (as cargas elétricas - da pilha- em movimento, geram um campo magnético, o qual magnetiza, permanentemente, o ferro do prego) , mas consegui realizar a experiência, e ela veio a somar-se ao meu cabedal científico de então.

Em 1972, a Editora Abril lançaria o “Manual do Professor Pardal” [1] (Fig. 1).

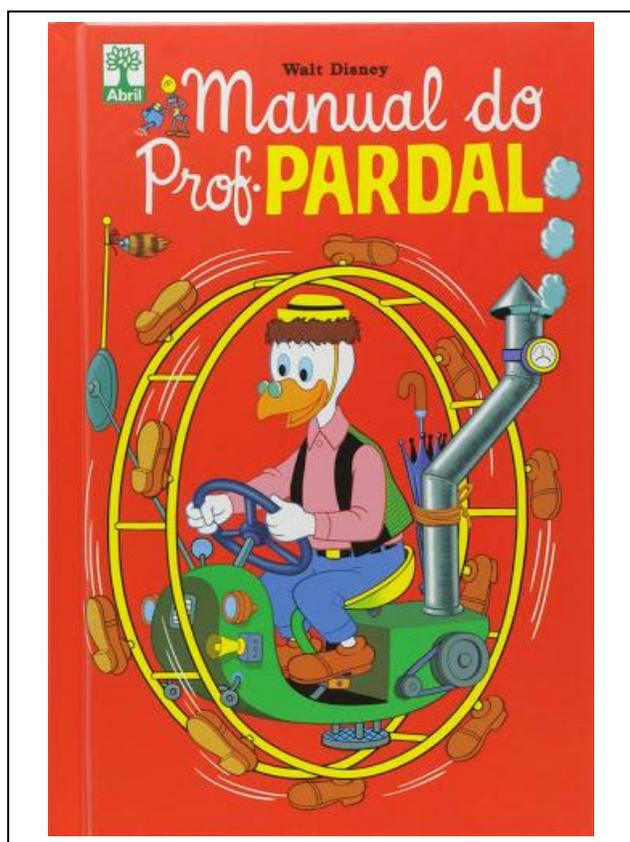


Fig. 1. “Manual do Professor Pardal”.

Como aqueles familiarizados com os personagens Disney sabem, o “Professor Pardal” é um tremendo cientista/inventor, criando as mais variadas engenhocas, etc.. Uma espécie de versão mais “cientista caseiro”, em comparação como cientista mais acadêmico, representado por outro personagem o Prof. Ludovico.

O já referido Manual é todo dedicado à ciência e tecnologia, com várias seções “Faça você mesmo”: Eletroímã, microscópio, etc. Com a fascinação que a garotada tinha por esses Manuais (havia outros, como o

Manual do Escoteiro Mirim, etc.), não é difícil imaginar a sensação causada por essas experiências. Quantas vocações não foram assim despertadas ?

Nesse período (anos 1970) a “febre” dos álbuns de figurinhas era grande, sendo muitos os lançamentos, notadamente de álbuns dedicadas aos personagens de desenhos animados.

Dentre os álbuns dedicados à ciência, destaco o “álbum Ciências”, e o “álbum Mundo Animal” [2,3] (Fig. 2 e 3).

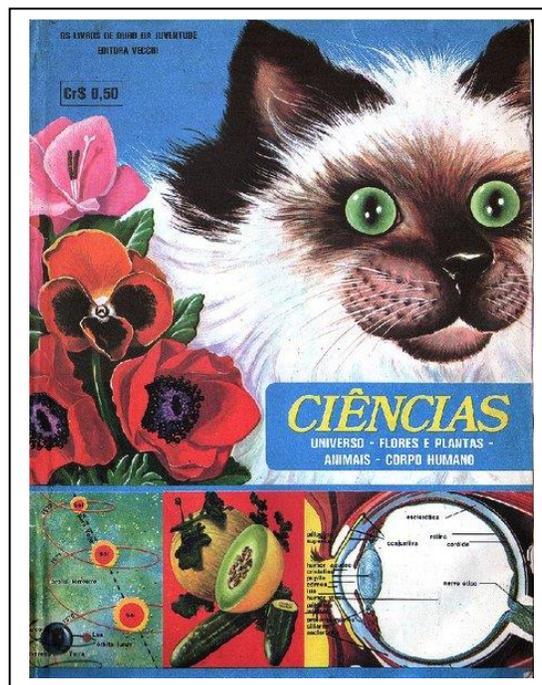


Fig. 2. “álbum Ciências”.

O álbum Ciências me é de saudosa recordação, visto que tenha a vívida lembrança de, ao voltar da escola, passar pela banca de jornais e comprar alguns (poucos) pacotes de figurinhas, com o dinheiro economizado do lanche.

Esse álbum, como indicado na capa, trazia figurinhas/informações sobre o universo, os animais (incluindo-se aí os animais pré-históricos), o corpo humano, etc. Enfim, uma verdadeira aula ilustrada de ciências.

O álbum Mundo Animal (desse, também recordo-me vividamente) é, como seu nome indica, dedicado apenas aos animais, incluindo os animais pré-históricos. Cada “figurinha” era acompanhada de informações sobre o animal em questão, etc. Novamente, uma aula ilustrada de ciências, com informações sobre espécimes da fauna de todo o mundo.

Lembremos que não estávamos na época das figurinhas autoadesivas de hoje, de forma que, além dos conhecimentos científicos adquiridos nos álbuns, ainda aprendia-se um pouco sobre a química dos adesivos, pois quando não tinha-se cola (era comum entre as crianças mais pobres, como eu), usava-se “grude” feito com um pouco de farinha de trigo e

água misturadas numa colher, que era então aquecida na boca do fogão, ou ainda colavam-se as figurinhas usando arroz cozido que, uma vez amassado, era excelente adesivo.

Havia ainda aula de “relações sociais”, “comércio” e “empreendedorismo”, ao negociar-se a troca das figurinhas repetidas, etc.

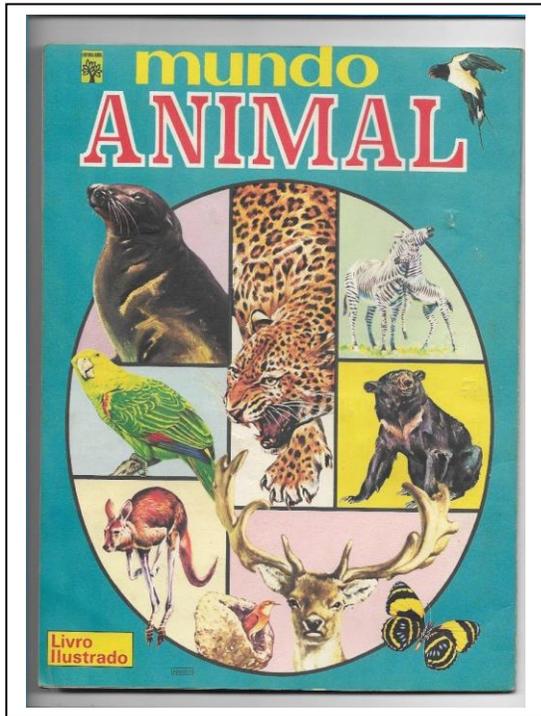


Fig. 3. “álbum Mundo Animal”.

Voltando aos manuais, e seu papel no ensino e como elementos motivacionais para o estudo das ciências, não podemos deixar de mencionar o “Manual do Escoteiro Mirim” (houveram dois) [4,5] e o “Manual do Tio Patinhas” [6] (Fig. 4-6).

No Manual do Escoteiro Mirim, além de todo um conjunto de conhecimentos/informações (eg. como reconhecer as fase da lua, como fazer massa de modelar, etc.), havia também todo um conjunto de ensinamentos que chamaríamos hoje de “ambientalistas”, como na seção “Cuide das árvores !”.

Mesmo no Manual do Tio Patinhas, no qual poderia-se, num primeiro pensar, entender que não haveria ciência a ser compartilhada (visto que o Tio Patinhas, como todos sabem, só pensa em dinheiro), há muitos e valiosos ensinamentos/conhecimentos, cultura, enfim: como surgiu o costume de dar-se “gorjetas” ?, quando foi inventada a caixa registradora ?, a história do dinheiro, do papel moeda, do cheque, herança e testamento, juros, história da indústria, etc.etc. Enfim, muitos conhecimentos hoje fundamentais para o entendimento das elações de consumo, da economia em geral, etc., já eram ensinados em seu Manual pelo “velho” Patinhas.

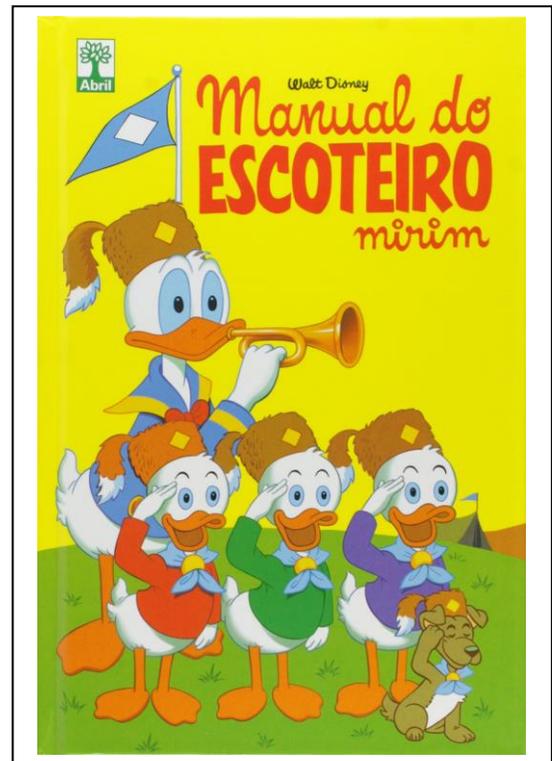


Fig. 4. “Manual do Escoteiro Mirim”.

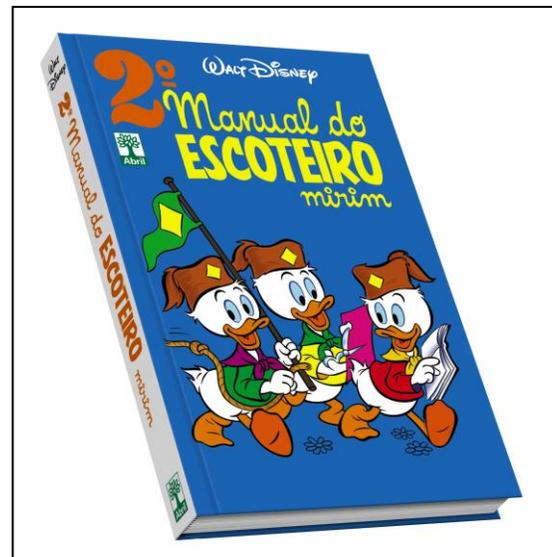


Fig. 5. “2º Manual do Escoteiro Mirim”.

Em suma, considerando-se as revistas em quadrinhos, álbuns de figurinhas, etc., passava-se toda a infância imerso num mar de conhecimentos científicos, que eram, pouco a pouco, assimilados, etc.

Atualmente, não obstante o acesso à informação ser tremendamente facilitado pela internet, encontrando-se, sem dificuldades, documentários, aulas, vídeos com experimentos, etc., percebe-se que a cultura científica dos

adolescentes e jovens adultos (que foram, portanto, crianças já na “era da informática”) é cada vez menor, mais pobre. Posso afirmar isso, com base em minha experiência como professor há mais de trinta anos, vinte e seis dos quais vividos como professor universitário de turmas iniciais.

Acredito fortemente que muito da maior solidez cultural exibida pelas gerações do anos 1970, 1980, em relação às gerações da era da informática (anos 2000 em diante), deva-se, em boa medida, ao salutar hábito da leitura, leitura essa que contava, desde a infância, com fontes de alto nível, como as aqui elencadas.

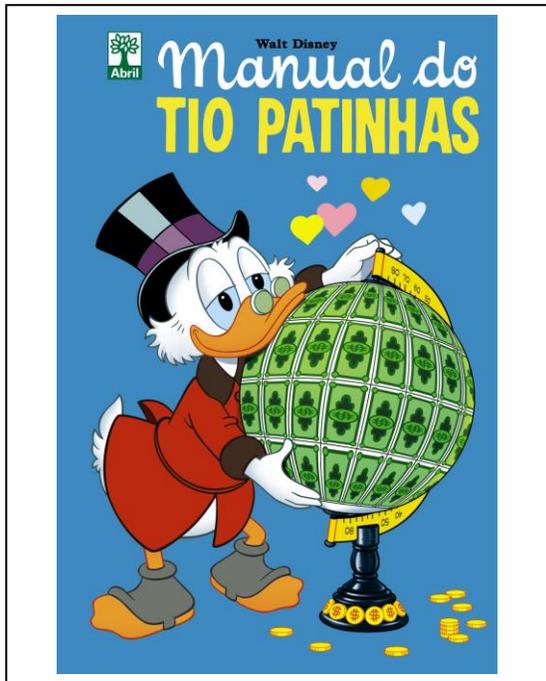


Fig. 6. “Manual do Tio Patinhas”.

REFERÊNCIAS

- [1] *Manual do Professor Pardal*, Editora Abril, São Paulo, 1972.
- [2] *Álbum Ciências*, Editora Vecchi, Rio de Janeiro, 1976.
- [3] *Álbum Mundo Animal*, Editora Abril, São Paulo, 1976.
- [4] *Manual do Escoteiro Mirim*, Editora Abril, São Paulo, 1971.
- [5] *2º Manual do Escoteiro Mirim*, Editora Abril, São Paulo, 1976.
- [6] *Manual do Tio Patinhas*, Editora Abril, São Paulo, 1972.